

Gravação: tdm40_Atuação em Bohemian**Duração do Áudio: 01:35:00**

Legenda	
(-)	Comentários do transcritor
(00:00:00:00)	Marcação do tempo onde inicia a fala
[inint] [00:00:00]	Trecho não compreendido com clareza
Ahã, uhum	Interjeição de afirmação, de concordância
Ãhn	Interjeição de dúvida, de incompreensão, ou pensando
Hã	Interjeição que exprime que o interlocutor aguarda a continuidade da fala da outra pessoa
Tsi-tsi	Interjeição de negação
TEXTO EM CAIXA ALTA	Palavra ou expressão pronunciada com ênfase
Hífen	Palavra dita de modo silábico
Orador A	Gustavo
Orador B	Bárbara Paz
Orador C	Ana Flávia
Orador D	Obregas

Este projeto é realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal.

Orador A: Antes da gente se "engambelar" por essa história toda, é preciso fazer uma explicação "disclaimer", para usar a palavra do momento. É preciso fazer uma explicação que, obviamente, a gente sabe que analisar um filme, no fim das contas é absorver a informação sobre o produto artístico que a gente está assistindo e levar em consideração que esse produto artístico foi elaborado por várias esferas da própria arte. Você tem pessoas envolvidas no departamento de maquiagem, no departamento de música, no departamento de design gráfico, no departamento de atuação. Enfim, é uma coisa gigantesca de gente trabalhando em função daquele produto e quando a gente está de fora, a gente pega só uma parcela daquele trabalho todo. E também é meio cruel você só olhar e falar "ah, eu não gosto. Ah, pronto. Achei ruim por causa disso... não me tocou e tal." É um pouco cruel se você está querendo fazer uma análise profunda. Como o público, pura e simplesmente, o objetivo é esse mesmo. Ver se você gosta ou não. Se você gosta, curte e compartilha, comenta. Se você curte o produto, você

normalmente passa para os outros, você mostra para outras pessoas. Se você não curte, se você tem algum problema com ele, você vai se incomodar e tal. E análise vai em cima do gosto. A nossa análise, nesse momento, não necessariamente calcada no que a gente achou só do gosto, não. De fato, é baseada numa análise um pouco mais criteriosa sobre isso. E, conseqüentemente, eu, pelo menos eu, pessoalmente, acho que não existe muito maniqueísmo nesse tipo de análise. Você não consegue muito dizer se é bom ou ruim, pura e simplesmente. Tem momentos que a coisa fica boa. Tem momentos que a coisa fica ruim. Então, antes de qualquer coisa, eu não queria que as pessoas ouvissem isso pensando "ah eles vão ficar falando mal do filme. Ah eles vão ficar falando bem do filme." Porque não se trata disso. Na verdade, é levantar as questões que me parecem pertinentes, para nós estudantes de teatro e para você que é ouvinte que pesquisa teatro e está a fim de ouvir um pouco de arte e reassistir ao filme com esse novo olhar. Alguma questão, gente, que eu falei errado e vocês queiram comentar?

Orador B: Não pode analisar de forma cruel como público leigo se a gente tem amiguinhos que trabalham na área. Porque se não tem, só é ruim e é bom mesmo.

Orador C: Muito franca.

Orador A: Mas é porque no fim das contas é isso. Quando você vai avaliar o produto artístico, o filme, obviamente, a primeira esfera é o gosto, é o que você sente e tal. Mas quando você realmente se dispõe a avaliar aquilo, primeiro, eu acho que deve existir um certo conhecimento técnico de como aquilo é feito, porque tem pessoas que fazem comentários sobre o filme e que na verdade não são pertinentes ao filme. Ou não são pertinentes a ninguém do filme. Bota a culpa numa coisa que não é necessariamente vinculada ao que o filme se propõe a fazer. Para mim, o primeiro aspecto que eu já achei estranho e que no fim das contas eu já achei genial do filme é o filme não se trata como uma biografia. O filme não é uma obra biográfica. Não se vende assim. Eu achei um pouco cruel, ainda você vender o filme como muito próximo da banda. Porque botou o nome do filme que é o nome de uma música da banda. Então, vínculo à banda, à história da banda, ele é muito próximo. Eu estava pensando, por exemplo, naquele filme "Across the Universe", aquele que é mais ou menos sobre a história dos Beatles, com a música dos Beatles. Aquele filme é genial para mim, em termos de vender. Por quê? Porque é um filme sobre a história dos Beatles, mas na verdade é um filme sobre a história das músicas dos Beatles atrelada a um período histórico. Mas, na verdade, é uma fantasia sobre uma fábula maluca sobre músicas daquela banda. É tudo meio misturado. O que tira o compromisso com a realidade da biografia dos Beatles. Elimina também boa parte dos fãs que vão ficar querendo achar a história do John Lennon e todo o lado biográfico dentro do filme, porque o filme é uma fábula sobre aquilo e eu achei que o "Bohemian" poderia ter sido um pouco mais vendido assim, porque afinal de contas ele é assim. Ele é meio que fabuloso em relação a história toda que está envolvida. Mas, ao mesmo tempo, o departamento de Marketing desse filme realmente vendeu ele como obra biográfica. Não botou escrito, mas tudo era vinculado ao Freddie Mercury. Tudo era a interpretação do ator fazendo o Freddie. Como ele conseguiu chegar perto. Milhares de entrevistas. Coisas vazadas na internet e tal. E é importante dizer uma coisa, rapidinho, que normalmente esses negócios que ficam "vazando", que a pessoa fala que "vazou" ou a imagem de fanfic que faz e aparece na internet, muitas vezes isso é feito por dentro. A gente acha que não, mas muitas vezes isso é o próprio estúdio que faz. Chama um

Youtuber qualquer, faz uma entrevista ruim sobre isso e lança uma fake news qualquer, porque isso dá um Marketing, um barulho antes de efetivamente você lançar a imagem oficial. Então, lance uma imagem tosca, faltando um cartaz, um cartaz zuado. E as pessoas começam a criticar sobre isso. E começam a falar e depois a gente lança o nosso. E de qualquer maneira o Marketing já está sendo feito. E o departamento de Marketing realmente botou em cima do Freddie Mercury ou em cima da história dele. E esse filme ainda tem três esferas, ele é meio que baseado num livro que é baseado na história de uma pessoa que é baseado num roteiro e então chega num filme final. Esses três, quatro, cinco elementos que passam até chegar na história lá na frente...

Orador B: Porque eu tenho amiguinhos da área e eu não sou mais cruel, eu aprendi a parar e tentar entender também se o filme é bom ou ruim, porque eu gostei ou eu não gostei, ou que é o que me incomodou. Tanto que eu fui assistir ao filme super reticente, porque eu sou muito fã. Eu estou aqui como convidada, porque eu sou um pouco maluca por Queen.

Orador D: Vocês não estão vendo, mas ela está vestida de Freddie Mercury agora.

Orador C: Até de bigode.

Orador B: Eu até conversei com o Reinecken, depois que eu saí do filme, que eu não queria falar sobre o assunto, porque eu ainda não tinha entendido se eu tinha gostado ou não, e o porquê. Só que hoje eu entendi já... já tem bastante tempo que eu assisti a primeira vez, assisti ao filme uma segunda vez. Um pouco do que o Reinecken falou de qual é o objetivo do filme? Ele era para ser um filme biográfico? Ele era para ser um conto? Um fan service? Uma fanfic? Porque também tem momentos que é praticamente uma fanfic. E no começo eu tinha ficado um pouco chateada com a sanitização do filme. De quão pouco sujo é. De como pouco explícito. Mas eu entendi que o objetivo do filme era ser uma apresentação de uma personalidade que já não é conhecida pelo público em geral de jovens hoje. Uma reapresentação desse personagem num cenário em que a AIDS está voltando a ser uma discussão na juventude. Os movimentos gays já são um movimento estabelecido que tem visibilidade. Você fala de rock e tal, mas perdeu-se um pouco a presença dele, de um cara que foi extremamente transgressor, extremamente icônico. Não tem outra palavra para uma época. Isso para mim ficou evidente na sessão que eu fui assistir ontem que tinham duas meninas de oito anos junto com a mãe e elas estavam cantando no cinema. Estavam meio em pézinhas e dançando. Então, como fã, muito fã, fã idiota, eu entendi que o filme não é para mim. É um filme lindo. Eu chorei como um bebê depois da primeira vez que eu assisti, mas não é para mim, o filme. E eu consigo ler e analisar, hoje, diante dessa perspectiva.

Orador D: Eu quando assisti, também, a questão da cronologia, algumas coisas não faziam sentido e eu não conhecia, não sou tão fã, não conhecia tanto a história dele, mas um que deixou, no meio do filme, não, "mas, isso aí foi antes, foi depois". E aí depois, logo depois, saindo, eu também fiz a mesma análise. Eu pensei que é um filme para apresentar a história dele, não é um documentário. Porque, até se fosse para respeitar tudo, o tom seria outro e a classificação ia lá para cima, ia ter que ser 18 anos e eu acho que não cumpriria os objetivos que o estúdio queria também, de arrecadação e esse tipo de coisa...

Orador B: E tem uma outra história. Esse filme começou a ser produzido com Sacha Baron Cohen, que é o cara que fez Borat, e ele queria fazer um filmão, assim, “trueza”, que é o tipo de filme que seria feito para mim, fã, com as coisas que eu ia gostar de ver. De ver na telona coisas que eu já li e que eu já ouvi falar. Então, o Sacha queria fazer esse filme, e os companheiros de banda do cara, que tem muito mais propriedade de tomarem esse tipo de decisão que qualquer fanzoca como eu, falaram "não é a história que a gente quer contar dele. Não é a história que a gente quer apresentar dele para o mundo, para nova geração, para juventude dentro do cenário atual do que é o rock, o que é o Queen, o que é o conservadorismo. Não é esse tipo de mensagem que a gente quer passar". E aí teve uma treta gigantesca entre os caras. O Brian May xingou o Sacha e tudo, e optou-se por uma produção muito mais conservadora, mais higienizada.

Orador C: Esse é um território que fica bem claro, não é? O território do público em geral a quem está sendo apresentado esse personagem, essa figura, e o território dos fãs que tem uma relação com o rock n' roll. Acho que esses dois territórios são bem propositados. Como pensar que discurso a gente está levantando. E eu acho que, na verdade, nesse ponto, diante do contexto, diante dessa ascensão neofascista, essa ascensão que está distante dos processos dos criadores, das grandes pessoas, da arte, eu acho estratégico. Eu acho que a gente precisa criar vias de comunicação com essas pessoas. Chegar com um filme como Doors, por exemplo, que você vai na pureza da experiência da droga, das experiências sexuais... isso só serve, no atual contexto, e veja bem, eu não estou falando de censura, eu estou falando de ponderar pontes, passagens, janelas, vielas, possibilidades de chegar nos outros, nas pessoas de uma maneira geral. Então, eu acho que tem uma importância conseguir trazer essa iconicidade, trazer a potência de um criador furioso, mesmo tendo a questão da banda ficando uma coisa meio segundo plano e tudo, mas acho que tem uma importância, tem um discurso muito claro desse Marketing, desse filme e eu acho ele inteligente. Eu acho ele bem propositado. Eu acho que ele vem a serviço de, acho importante trazer essas questões, essa maneira, digamos assim, bem mastigadinha, como uma sopinha deliciosa que as pessoas possam...

Orador B: É palatável.

Orador C: ... possam deglutir, digerir com tranquilidade.

Orador B: A música do cara era tão poderosa que as pessoas vão absorver uma mensagem da qual elas não querem ouvir falar simplesmente porque a música é forte demais para ser ignorada. Então, o filme é inteligente no sentido de que "nós vamos fazer uma biografia para você apresentar para os seus filhos, um cara que você ouviu para caramba quando você era jovem". Então, ele é apropriado para você falar sobre isso no almoço de domingo. E leva para o cinema um cara que se lembra nostalgicamente de uma juventude de bater a cabeça dentro do carro que nem a cena do Mike Myers, ouvindo bohemian rhapsody, que hoje é homofóbico, conservador e tal, mas ele tem dentro dele aquela pessoa que curtiu o rock, antigamente. E ele vai lá, sabendo que o Freddie vai beijar outros homens. Ninguém foi desavisado de quem ele era. Mas ele tolera a presença disso, porque a música é poderosa demais para ser ignorada. Então, ele acaba se apropriando de uma linguagem universal que é a música, e que move um monte de gente, e ele entrega para o pai que quer apresentar para o seu filho, que é a proposta

que eles venderam, a meu ver, ele entrega para o nostálgico, que talvez hoje não iria consumir nada que traga à tona esses assuntos polêmicos, esses cutucões sociais, de sexualidade, de drogas, essas discussões que precisam ser rediscutidas. A pessoa não iria para lá para outro motivo e ele faz um filme tão bonito de ver aos olhos, assim " abre os olhos. O que você está vendo?" A cena do trailer prateado. Aquele rasante de drones na multidão do estádio. Ele brincando com os gatos. É tão bonito que o fã, como eu, ele se sente amado. Ele não se sente esquecido pelos produtores.

Orador C: Isso. Se sente protegido, cuidado.

Orador B: Ele fala "olha, não era exatamente para você, mas você está aqui junto com a gente", sabe?

Orador C: Isso me lembrou um pouco o que a gente acabou de presenciar na turnê do Rogers Waters aqui. Veja bem, são instâncias e instâncias, não é? Rogers Waters chegando aqui e subindo o porco fascista e a porra toda. É isso. Mas ver essas pessoas como elas se sentiram. As pessoas que estão nessa ala conservadora, elas se sentiram ultrajadas num nível e nesse momento nem a música salvou. Nem a música como um fenômeno.

Orador B: Talvez elas tenham se sentido ultrajadas ao perceber quão longe elas chegaram de uma pessoa que elas já foram.

Orador C: Sim. E é isso que talvez, nesse filme, fazendo uma comparação tosca, mas tenha esse cuidado, esse zelo.

Orador B: Ele seja mais amigável e fala assim "olha, ainda dá tempo de voltar."

Orador D: Eu fiquei impressionado, porque teve uma repercussão, uma crítica e eu vi algumas pessoas falarem "ah, porque tem gente vaiando no filme." E eu falei "eita, então, o filme é pesado mesmo." Porque eu não vejo mais trailer. Eu não assisto trailer de filme, porque eles entregam as melhores cenas nos trailers, então eu sabia do filme...

Orador C: E depois o filme decepciona, não é? O trailer era melhor.

Orador B: Os editores de trailers deveriam passar para editores dos filmes. Eles são muito bons nisso.

Orador D: Eles são ótimos. E eu falei "não, eu vou no cinema logo para ver." E eu vendo o filme "nossa, mas é tão tranquilo." E depois pensando que se fosse um filme documentário mesmo, imagina o escândalo que não teria sido a repercussão disso. As pessoas indo com cartazes na frente mandando o cinema parar de exibir o filme.

Orador B: Acho que não, sabia?

Orador D: Será?

Orador B: Acho que isso foi um efeito do bombar, lacração das redes sociais. Estamos falando aqui de referências anedóticas e a gente não pode exatamente encontrar uma estatística de

quantos cinemas foram vaiados ou não. Mas eu não vi relatos de alguém que falou "na minha sessão foi vaiado."

Orador D: Eu também não.

Orador B: Eu ouvi "estão vaiando." Eu não vi ninguém dizer "Pô, vaiaram no meu" Eu ouvi, por exemplo, na sessão que eu estava, o cara que estava atrás de mim, na hora que o Freddie está no orelhão com a Mary e passa o caminhoneiro. O senhor atrás falou assim "ixa, agora já era." Isso é uma coisa. Vaiar não.

Orador C: É muito bom como as pessoas se entregam nos comentários.

Orador D: Ela pode até tentar segurar, mas uma hora ela vai soltar.

Orador A: Quando trocam o diretor, chama o ator, chama o diretor para o lado, bota o produtor não sei aonde, a gente geralmente fica "ah, porque esse diretor deu uma roupagem assim e assado." E eu já fiz até um vídeo que está postado no canal do AVZ especificamente sobre roteiro, de como ele, no fim das contas, ele realmente é o mestre do caminho que o filme vai levar. Mesmo que você coloque diretores que são muito autorais, muito fortes, com muito dinheiro. Diretores que são produtores também, que estão envolvidos no processo, não só criativo, mas que precisam ganhar dinheiro com aquilo ali, fazer lucro com aquilo, então, eles estão interessados em aquilo ser bombado, vendido e tal e, não necessariamente, só a visão artística que ele quer dar, que essas pessoas também estão presas dentro do que o roteiro diz. Em geral, a estrutura é assim. Um produtor ou os produtores, eles pagam pelo filme, eles trazem o dinheiro e falam "Está aqui o filme." E a gente contratou esse cara para escrever baseado em qualquer coisa, num livro, num filme, sei lá. Mas ele escreveu. Sempre por detrás o fantasma da grana que está ali em cima, falando "olha, isso aqui e tal." No caso, do Bohemian, você tem um dos produtores, na verdade, tomou conta da direção depois que o Brian May saiu. Então, o Dexter, como é o sobrenome dele, Bruno? Está aí?

Orador C: Dexter Fletcher.

Orador A: Fletcher. Isso. O Dexter Fletcher, ele é produtor do filme, se eu não me engano, ele está na produção. Ou seja, ele não ia deixar a coisa caminhar para outro lado. O autor desse filme, o escritor que assina como o autor da história, que é o roteirista desse negócio, é o Anthony McCarten, ele é o cara que escreveu o "Teoria de Tudo". E quem assistiu o "Teoria de Tudo" e conhece história do Stephen Hawking, você percebe o quão chapa branca já era aquele filme. A "Teoria de Tudo" é super faixa branca. É mais um dramalhão sobre o peso do personagem. E quando eu assisti "Teoria de Tudo", eu saí com a mesma impressão "poxa, é uma pena que não falaram das coisas obscuras, das coisas zuadas que o Stephen Hawking tinha ou tem". Que era o mais interessante de você colocar como o cara transgrede além da história física dele. Ele está limitado fisicamente, mas o cara era muito safado, era muito zuado na parte física também. Não era porque o cara estava preso na cadeira de rodas, sem se movimentar... pelo contrário. E no filme é super romantizado tudo isso. Super chapa branca. Para todo mundo gostar e achar bonito. O que eu entendo também. Mas o roteiro desse filme realmente é bastante chapa branca. Ele é bem brando, bem colocado para você conseguir trazer mais pessoas, para

ser vendido. Porém, o que também o Dexter fez e o que a produção fez, é colocar uma pessoa para fazer a cinematografia e, obviamente, o Brian May, que é o cara do Queen, também estava envolvido na produção musical. Então, a parte visual e a parte musical estavam garantidas para serem, oficialmente, pessoas que querem fazer isso ser rock n' roll mesmo. Então, em termos de cinematografia, o filme é muito acurado para o que deveria ser a estrutura do Queen. Desde o início, quando abre e você tem a logo da FOX, da Universal, agora eu não me lembro qual que é...

Orador C: É da FOX.

Orador A: É da FOX. Ali você já tem uma mudança para um áudio que é a cara do Queen. Depois as coisas explodindo na tela, aquela imagem aparecendo nome da cidade vindo. Então, visualmente, o filme é muito acurado com o que o Queen deveria ser. Musicalmente, também, em termos de som, ele também é muito bom. Pensa na dificuldade que é fazer um negócio desse. Mas, de novo, a história foi um pouco chapa branca, foi um pouco meio branda, talvez, para realmente trazer mais público mesmo. Para tentar fazer com que você tenha uma generalização do que foi a história.

Orador B: Eu acho que o problema é quase metafórico. Quase metafórico não. Eu acho que é quase um meta-problema. Por quê? No filme, eles mostram que os caras eram bons, sabiam que eram bons, se garantiam como bons e ficavam sempre com a indústria atrás deles querendo enfiar uma fórmula. O filme sofre daquilo que a banda esteve livre.

Orador A: Sim.

Orador B: Que ele foi obrigado a seguir uma fórmula. Então, o filme, ele tem o som livre e rock n' roll da banda. O visual livre e belo do diretor que é a responsabilidade de toda a parte do visual, eu acho. Essa é a parte que eu não entendo nada. E o roteiro é o Mike Myers falando "uma música de seis minutos não dá."

Orador C: Sim. Perfeita analogia.

Orador B: Não dá para mostrar o cara em depressão, completamente atormentado sem saber o que quer da vida. Porque ele era um astro. E eu entendo a decisão comercial de se fazer um filme leve para se apresentar e ter crianças no estúdio. Ok! Já superei essa parte. Agora, você construir ídolos, que é o que eu vejo, a minha crítica talvez seja a arte, olha como eu estou ousada. Essa tendência de pegar personagens muito fortes para construir ídolos, para mim, é extremamente problemática. E você traz isso para política, você tem a explicação do porquê problemática. O mais incrível e o que mais me cativou em vida para o Freddie, como um ídolo meu, pessoal, e o Queen, como uma banda, foi a humanidade dele. Não foi a sobrenaturalidade deles. Não foi como eles eram surrealmente inatingíveis, ícones, não. Era o quão humanos eles eram e quanto eles se expunham dentro das canções deles, dentro das músicas deles. Como aquilo ali mostrava o ser humano exposto em todas as suas dores e aí, a gente ouvindo a música, consegue conectar com outros ser humano como se a música fosse um portal. Então, na hora que você constrói um ídolo inatingível, minimamente atormentado, parece que ele é livre de falhas. Parece que permite, é tolerável você ter uma personalidade meio arrogante, ser meio

escroto e tal, desde que seja pela arte. Você entra naquela coisa de os fins justificam os meios e você vai passar pano para escrotidões que ele fez, porque sim, ele fez várias. Porque, afinal de conta, ele era genial, e não é tudo bem. E essa galera está fazendo isso com o Hawkins. Essa galera está fazendo isso com o Freddie, essa galera vai fazer isso com o Elton John, que o filme está em processo de pré-produção.

Orador A: Que é o mesmo produtor. É o Dexter também.

Orador B: É a mesma turminha. E eu acho muito problemático, porque a arte tem essa capacidade de modular a forma com que a gente vai olhar para sociedade. E o que que a gente acha palatável, não acha palatável, que a gente acha morninho no peito ou não. Que a gente está confortável ou não. Se a gente começasse a se acostumar e achar confortável lidar só com deuses e ícones, todo mundo vai passar a ser um merda. E a gente nunca vai estar bem. Entendeu? Porque a gente perde os momentos que o Brian May teve depressão. A gente perde os momentos em que o Freddie teve depressão. A história particular do Deacon que ali é mínima, que faz até uma brincadeira de ele ser o menor na banda e tal. Perde-se a parte mais humana dos caras. E eu acho que é a maior perda do filme. Não mostrar o lado mais humano e mais fácil de se conectar. Porque eu, você, a gente aqui, a gente nunca vai conseguir se conectar com um cara na frente de 250 mil pessoas. A gente dificilmente, talvez, você, no Baby-doll de Nylon, no mar de gente, cantando com a mão para cima. Mas, a gente nunca vai saber o que é isso. Mas terminar um relacionamento, gostando da pessoa e sabendo que estar longe dela é o melhor que você pode fazer por ela, todo mundo consegue se relacionar e o filme não mostrou.

Orador A: Você tem o Brian May que está no meio da produção, ele estava assinando lá como produtor musical e tudo referente ao Queen, sempre, cara, foi super ali na rédea curta. Nunca foi o ator ter direito a fazer livre, à caralha, sempre era avaliado, revisto, visto se funcionava ou não.

Orador B: Me lembra certos hosts que eu conheço.

Orador A: Tudo é uma rédea curta da qualidade mesmo. E isso funciona para o filme ter uma acurácia sonora muito boa, nota 09, quase perfeito. Não tem como chegar a perfeição, porque, afinal de contas, o filme conta com o elenco de atores e não com efetivamente a banda. Então, por mais que os áudios, eles sejam muito bem mesclados, mas de qualquer maneira, você tem uma assinatura final de que se a história tivesse saindo muito da realidade ou de uma nova realidade que se quer enfrentar, muito provavelmente o Brian May não teria assinado. Muito provavelmente o Brian May não teria permitido, nem teria colocado toda divulgação que ele colocou, que ele participou de podcast. Eu assisti um podcast com o Brian May, com a participação dele sobre o filme, falando de como foi. E isso talvez também seja: mais uma vez a gente vai contar a história ou vamos falar desse cara, mas a gente não quer que o Freddie Mercury seja o protagonista eterno do Queen, para sempre. E existem outros dramas, outras coisas que eu quero falar dentro dessa história. Que não só a dor dele, ou protagonismo demais. Eu realmente não consigo entender direito como que uma história tão rica, tão fantástica, tão mais interessante do que... meramente uma história de amor, de um Road trip de uma banda, como é que no fim das contas esse fim pode ser resumido, não é? Porque é uma história de

amor de um cara que está meio indeciso se ele fica ou não fica com a garota, enquanto eles apresentam uma grande coisa.

Orador B: São histórias de amores?

Orador A: Não tem a parte visceral da parada. Isso não tem mesmo. E eu não entendo porque que foi colocado, porque eu não consigo ver que isso seria depreciativo ao filme. Se você soubesse mostrar, eu acho que esse pessoal é talentoso o suficiente para fazer isso. E conseguir mostrar uma história que fosse mais acurada com a bizarrice da vida do cara, da vida da banda, sem ser um documentário muito pesado. Poderia ter tipo, sei lá, em vez de ser nota seis, ele poderia ser nota oito. Em termos de acurácia da realidade tosca. Não precisava mostrar os caras cheirando cocaína no pênis do cara, mas poderia...

Orador B: Inclusive, acho que essa frase foi minha. Mostrando minha indignação.

Orador A: Exatamente, a Bárbara falou isso em um áudio que ela me mandou no Telegram. Falou assim "eu acho que não precisa mostrar os caras cheirando cocaína no pênis do outro." Realmente, eu também acho que não. O filme tem um visual tão bem feito, tão bonito e a impressão que dá é que atuação desse filme também está assim "eu vou jogar tudo que dá. Eu vou botar o máximo possível, mas as falas ainda estão falsas." Eu ficava com vergonha alguns momentos, de ver o ator com uma interpretação numa doação de criação de personagem de tamanho nível de acurácia, de tamanho de realidade e, ao mesmo tempo, implementando uma criação e tendo que falar uma coisa muito sessão da tarde. Um tipo de fala "ah, eles estão cantando. E todas essas pessoas cantando são para você." Não meu amigo, não faz isso não. Parece, sei lá...

Orador C: Acho que tem essa história... ah, é isso, claramente uma decisão semiótica. Uma escolha de que trajetória de que uma decisão narrativa, de que recorte. Essa poética dessa história contada de uma maneira quase foto-novelística, porque os fatos vão simplesmente acontecendo, se sobrepondo, sem uma grande profundidade em cada...

Orador B: Uma camada.

Orador C: Ela também é suporte de uma narrativa que traz, concordo com a Bárbara, essa questão da construção dos ícones e ídolos e tudo. Mas ela explicita um estigma mercadológico do cinema e nesse lugar é complicado falar sobre arte de uma maneira assim, porque é um recorte mercadológico, do cinema. Não é exatamente da linguagem. É do mercado. Faz parte dessa narrativa, o que dá suporte também para essa narrativa é a questão da transformação do ator. As pessoas vão ao delírio com esse tipo de coisa. A gente vê atores ganhando Oscar sequencialmente, porque tem transformações físicas, porque botou prótese, porque aumentou o nariz.

Orador B: Essas são as camadas analíticas do que está por trás da produção de um filme que o público em geral consegue alcançar. Ele não vai alcançar a diferença do erro da direção ou do roteirista ou do ator. De quem é o erro, ele não compreende. Mas ele consegue ver o ator antes e depois. A transformação.

Orador C: Isso é um elemento de sedução. Isso constrói a narrativa. Constrói essa escolha também. É um elemento de poder desse tipo de escolha que dá para gente levantar. Eu acho que são escolhas muito firmes de uma indústria muito poderosa. Eu acho que esse tipo de roteiro, ele tem esse perigo que Bárbara defende muito bem, identifica muito bem, dessa construção higienizada, dessa construção e tal, mas a gente precisa entender também que quando a gente fala público, a gente está falando de públicos, de distintos alcances, de distintas potencialidades de fruição. Capacidades diferentes de entendimento, de captação daquela coisa. Então, eu acho que pensar arte hoje é também pensar comunicação e é também pensar multiplicidade de pessoas. Tem pessoas que vão sentir a porrada, vão sentir algumas coisas a partir de determinados estímulos e outras vão reagir absolutamente se forem estimuladas naquele território. Então, é quase que tentar acompanhar a poética do pensamento de um mercado. A poética do pensamento de uma indústria muito poderosa e que é uma poética também.

Orador B: E tem outra também que eu acho. Tem uma frase do filme que o Mike Myers está lá falando, "mas o que significa Galileu?" Mas aí o Brian olha e fala "Se tudo fosse explicado, não ia ter graça." Então, o filme é bom porque a gente está aqui falando sobre ele. E do fato da gente estar aqui discutindo o que me incomodou. O que me incomodou foi uma fala idiota ou a minha inquietação de pensar "Putá, Brian May, como que você deixou isso acontecer?" Será que essa decisão foi idiota, de uma galera idiota ou a indústria cinematográfica é mais poderosa até do que a de música e mais intransigente e mais dominadora dos seus elementos do que uns músicos geniais?

Orador D: Mas não é uma questão de decisão também, Bárbara. Porque, na verdade, os produtores têm a grana e eles contaram o roteirista. O roteiro do filme é assim. Não foi o diretor que fez. O roteiro foi escrito para ser assim e ele foi aprovado. Alguém olhou e falou "esse filme eu pago." Então, na verdade, quando a gente fala da indústria, do cinema, a potência, a gente está se reduzindo e, efetivamente esse é o problema, esse filme está na mão de quatro homens de 60 anos, brancos, dos EUA. São quatro pessoas que decidiram a cara do filme. E o filme todo, ele está de acordo com as decisões estéticas, as opiniões e a moralidade desses quatro caras. O cara que escreveu o filme, a pessoa que assinou para pagar. "ok. Vamos fazer." E a pessoa que filmou esse negócio.

Orador B: Mas a minha dúvida é: eu considero um bom filme. E ele cumpre o papel que eu entendi que ele se propos.

Orador A: Sim.

Orador D: Muito bem.

Orador C: Perfeito.

Orador B: Agora, estamos aqui conversando, porque a gente não confia o suficiente nesses quatro homens para saber se é isso mesmo que eles quiseram propor ou porque a gente gosta muito do filme, muito do Freddie, muito da beleza do diretor, muito das músicas, a gente faz concessões para o resto das coisas que a gente critica? Porque, por exemplo, um dos momentos

mais humanos do filme, talvez, poderia ter sido um dos pontos altos do filme para mim foi também o que me fez passar a régua e falar "é uma fanfic. Não é um filme sobre o Freddie Mercury." Esse cara não é o Freddie Mercury que, pelo menos, eu conheço e eu conheço mal. Porque eu mal tinha nascido quando ele morreu. Mas ele tinha uma relação com a Mary que era uma relação quase maternal. Ela representava quase a virgem mãe para ele, de uma maternidade que ele nunca pode aproveitar porque ele foi mandado para um colégio interno aos sete anos de idade, uma viagem de 40 dias, sozinho num navio. A Mary tinha coisas muito próximas dele, vivências muito próximas na infância. E eles tinham uma conexão tão forte que perdurou durante toda a sua vida, apesar de eles não estarem mais juntos. Há muito tempo, muito antes até do que o filme mostra, eles já não eram um casal dentro do padrão que o filme coloca. Ele sabia que ele não poderia ser o parceiro que ela merecia. Há muito tempo ele sabia disso. E ele sabia que ela merecia ser feliz e que ele não conseguiria fazê-la feliz como ela queria e merecia. E por amá-la demais, ele queria ela sempre perto, mas ele sabia que ela não seria dele. Só dele. Então, aquela frase que ela falou "ah, eu estou grávida", e ele fala "Como você pode..." para mim é uma quebra do caráter dele para dar uma dramaticidade boba, porque de drama a vida dele já estava cheia demais para ter aquilo como problema. Ele era padrinho.

Orador C: Inclusive não conseguir entender esse momento.

Orador B: Ele era padrinho do primeiro filho dela. Esse filho que ela estava grávida. E ele amava brincar com criança, exatamente, porque ele sabia que ele ia ser um péssimo pai, mas ele tinha tanto uma culpa de não satisfazer a vontade da família de ser um homem de família e ter filhos e de ter os amigos dele de banda, casados e com filhos, e saber que ele nunca ia ter aquilo. Aquilo era uma parte que transformava ele em extremamente humano, de se martirizar por querer uma coisa, que não é que ele nunca poderia ter, mas ele nunca faria o que era preciso para ter aquilo que ele queria. E no momento em que eu acho que as pessoas poderiam se conectar mais, eles pegam um sentimento vil para as pessoas se conectarem, que é o ciúme. Sendo que o sentimento que existia ali, entre os dois, era de cumplicidade. Para que fazer isso?

Orador C: Talvez nessa proposta...

Orador B: É tratar o público como burro.

Orador C: Tipo isso. Uma tradução mediada para lembrar que fazendo uma coligação, uma análise, lombra, fazendo uma correlação bizarra entre ciúmes e amor. Talvez o fato de ele afirmando aquilo na altura do campeonato pretendia-se que as pessoas entendessem "nossa, ele ama ela." Porque isso machuca ele em algum lugar. Infelizmente, é bem assim que se vende o amor romântico que a gente inclusive aprendeu, no cinema.

Orador A: Eu vi vários podcasts e pessoas sempre citando "o cara era gay." E eu fiquei muito incomodado, porque você realmente reduzir a complexidade da figura humana mesmo, como um todo, a uma coisa meramente binária. "Ah, você gosta de mulher, então você é hétero se você for homem. E se você gosta de homem e mulher, você é hétero e pronto. Então, você joga no outro time. Pronto. Você é gay. Acabou."

Orador C: O povo quer ser hétero normativo até para falar do "viado", amigo. Porque nessa

hora é o banimento do bissexual. Não existe essa categoria. Você não pode estar nesse lugar. Esse lugar é o não lugar. "não, não consta nos registros."

Orador B: A galera tem feito uma leitura de que realmente a população geral, o público geral não tenha esse repertório suficiente de sentimentos vividos para saber o que que é um amor não normativo, cheio de categorias, que eles não iam compreender o filme. Então, vamos facilitar. Emburrecer o diálogo.

Orador D: Mais uma solução simplista, né... tipo, de uma pessoa que ama o outro. Se o outro aparece grávida, o que que vai fazer? Não vai gostar. Mais uma vez resolvendo de um jeito muito simples...

Orador C: Uma reafirmação daquele jeitinho que todo mundo entende e que é só mantenedor de um estado.

Orador A: No filme, a Mary que fala "você é gay." E no resto do filme, você não tem outros momentos em que isso é colocado pelo filme.

Orador B: Contradito, pelo menos. Em defesa do filme, essa cena desse diálogo entre a Mary e o Freddie, as pessoas já falaram, provavelmente, a Mary falou sobre isso. Essa conversa realmente aconteceu, do Freddie virar para ela e falar assim "Eu acho que eu sou bissexual." E ela falar: "eu acho que você é gay." O Freddie já ficava com outros homens desde o colégio interno. Do período que ele morou na escola. Ele já se relacionava com outros homens. A Mary provavelmente sabia disso desde o começo. Não foi uma surpresa. A cena dela "ô meu Deus, ele é gay." Não. Provavelmente, isso não aconteceu. Ele não era só gay. Ele também não era só bi. Talvez seja... não sei. Vocês não estão vendo, afinal, isso é um podcast, mas eu tenho aqui nas minhas mãos uma biografia que eu usei tags, daquelas de categoria de página com cores diferentes, para o que eles acertaram no filme, o que eles erraram no filme...

Orador C: E é a coisa mais linda de se ver esse livro. Pena que vocês não estão vendo.

Orador D: Vamos bater uma foto e botar no post.

Orador A: Tem muitas tags.

Orador C: Está muito incrível. Tem que postar foto, porque é demais.

Orador B: E tem uma parte que eu até separei, se desse para ler. "Freddie tinha com Mary o relacionamento aberto e sincero, que por causa da religião e da cultura da família jamais poderia ter estabelecido com a mãe biológica. Mick Rock lembra que Freddie ficou atordoado por causa da questão da sexualidade. Foi antes dele finalmente sair do armário. Sem dúvida, ele era gay, mas não exclusivamente gay. E isso o angustiava. Ficou arrasada. Era quase como se precisasse ter certeza que era uma coisa outra, mas estava no meio termo. Num tipo de terra de ninguém. Ele amava as mulheres, adorava a companhia delas. Mas tarde, as relações sexuais devem ter sido predominantemente com homem. Ele podia ser mais promíscuo com homens. Mas adorava garotas. Mary, é claro, foi o amor da vida dele e o vínculo mais afetivo e mais forte de Freddie. A grande ironia é que, apesar de ser gay em essência, seu relacionamento mais

significativo foi com uma mulher." E assim não foi o único. Não era por causa da Mary que ele era bissexual ou que ele amava mulheres. No final da vida dele, ele tinha três namorados, inclusive o Jim Hutton... É isso, não pode nem dizer que ele tinha três namorados ao mesmo tempo. Eles escolheram um dos três do mesmo período para botar como novo namorando dele no final da vida, certo? Mas o Jim Hutton era um dos três que ele costumava se relacionar na época, junto com o Peter Stone e a Barbara Valentim, que era uma atriz loiraça, alemã, com quem ele morou muitos anos em Munique. Ele não era só nada. Não tem nada que você olha para o cara e fala "ah, ele é só isso..." É uma simplificação, um emburrecimento que eu acho que perde muitas lições...

Orador A: Tem uns pedaços que eu acho que isso fica mais enfatizado. Quando ela está falando para ele "Freddie, você é gay." E rola aquela coisa, de surpresa. E ele faz um take nele. Ele pegando essa informação. E depois tem uma cena que é muito bonito, bem construída, mas que é meio boba até. Ela, na janela, olhando para fora da janela, como quem está indo embora, de costas para ele, a gente ouvindo música tipo mixada em replay, "love of my life" e ela fala "isso é tão triste, porque isso nem é culpa sua." E é uma cena que é bonita visualmente, em termos de texto...

Orador B: Mas é uma aulinha.

Orador A: ... eu acho meio bobo, porque ela dá uma interpretação meio idiota, no fim das contas, mas depois isso não se resolve direito, porque quando eles vão no Live Aid, por exemplo, ou ela está com outro namorado. E ela apresenta o namorado, olha aqueles takes na cara dele assim "ele está incomodado" em termos de ciúme, de namorado dela. E isso confunde mais ainda. "caraca, ele não vai se resolver." Ele não fica resolvido emocionalmente em relação a ela. E enfraquece essa relação que eles tinham, que poderia ter sido gigantesca no filme. De a gente ter visto que essa era o amor da vida dele. E realmente não pega essa história toda. Fica mais uma coisa meio adolescente mesmo "ah, perdi a namorada."

Orador C: Eu acho que essa reafirmação dessa cara de ciúmes, ela é a afirmação de que ele é apaixonado por ela.

Orador B: "Ele não era gay de verdade".

Orador C: Isso tem um discurso gigante por trás dessa coisa.

Orador D: Acho que o ciúme dele, até se resume lá no Live Aid, que quando sai todo mundo e fica só ele e a banda e pergunta "o que que vocês acham do David?" Eu acho... o que era...

Orador B: Jim Hutton?

Orador D: Não, do cara que estava com a Mary e ele fala "eu acho que ele é gay." Só para dar uma "ele não aceitou. Ele está com ciúminho do novo namorado dela."

Orador A: Eu fico pensando no ator que criou aquela parada toda e pega o texto. Vocês atuando já devem ter vivenciado isso. Você cria o personagem e tal. Você pega o texto e você lê sua fala e você não acredita naquilo. Você fala "cara, essa fala aqui é muito qualquer coisa. Essa

fala aqui não é o que eu estava pensando." E você traz uma mega interpretação para um assunto bobo. "Ah, o que vocês acham dele?"

Orador C: Não sem antes questionar a fala.

Orador A: Exato.

Orador D: Eu fico na pergunta "como é que funciona lá?". Porque se passou na mão de tantos roteiristas e quando chega na dele lá, acho que não tem como.

Orador C: Essa instancia aí, a gente nem consegue acessar qual é a dinâmica.

Orador D: Aqui a gente consegue questionar uma coisa ou outra e mudar, mas chega ali e não tem...

Orador C: Faz uma sugestão educada, senta com o dramaturgo, troca uma ideia...

Orador D: Você acha que não seria melhor, porque...

Orador A: Ali, no caso, eu acho que é só baixar a cabeça e ok, vamos fazer. Porque esse ator não é um ator mega famoso. Se você está falando, o Tom Hanks, provavelmente, o Tom Hanks, quando olha uma fala, ele vai falar "essa fala eu não vou falar não, eu vou falar assim." Ou o Bruce Wyllys. Essa fala eu vou falar diferente.

Orador B: Ele nem avisa.

Orador D: Ele nem avisa, ele fala e no making of, fala "nossa, ele improvisou e foi superinteressante". Porque o cara já está no outro nível.

Orador A: Mas deve ser meio triste mesmo. Porque eu acho que a criação que o Rami Malek fez em relação a elaboração de um personagem que existiu, que é muito difícil se criar um personagem, atuar uma pessoa que existiu e vai ter pessoas que conheceram, você tem filmagens dessa pessoa ao vivo. Então, é um pulo muito maior. Uma interpretação muito mais difícil.

Orador B: Uma cobrança enorme também.

Orador A: Ela tem que está com uma acurácia da vida. Fácil você interpretar Romeu e Julieta ou Hamlet. Ou interpreta personagens muito loucos, sei lá, eu vou interpretar a saudade, vou interpretar um dinossauro. Fazer uma cena muito profunda que você faz um dragão e ao mesmo tempo você tem uma margem para fantasia nesse lugar. E no outro não. No outro, você tem uma restrição violenta que é a realidade. Fisicamente, você tem que estar parecido, os trejeitos têm que estar próximos.

Orador B: Você tem que ser tudo isso e nada além disso.

Orador A: Exato. E, ao mesmo tempo, no caso do Freddie Mercury era interpretar um cavalo solto. Interpretar um bicho aloprado. Tipo uma parada que não é uma pessoa com medida que está como, por exemplo, eu acho que no "Teoria de tudo", o cara fez o Stephen Hawking de

uma maneira muito boa. Porque não é que é mais fácil, mas você tem uma restrição física inclusiva. E o problema do Freddie era justamente isso. Ele não tem uma restrição física, moral, inclusive. Mas fisicamente mesmo. Ele é uma explosão. Uma diva explosiva. Principalmente, apresentando. Então, quando eu estava conversando com a professora, assim que saiu o trailer, pela primeira vez e eu assisti o trailer e eu fiquei "putz, esse filme não vai ser bom", porque o que eu achava que o Freddie Mercury tinha de mais fantástico e o Queen tinha de mais fantástico era justamente a multidão, para estar cantando para galera. Esse era a potência da parada. Era conquistar as pessoas com multidão, no palco. E como é que você vai filmar...?

Orador B: Mas ao mesmo tempo era só o que a gente via.

Orador C: Exato. É o que a gente tinha acesso.

Orador A: Como que a gente vai chegar nesse lugar? Como que a gente vai filmar? Vai botar um monte de CGI no fundo com plateia, com aqueles 3D zuados, porque não tinha dinheiro suficiente para fazer infinito. Não tinha o dinheiro do Stars Wars para fazer. Esse filme foi feito com quase 90 milhões só. Então, é pouco, mas é muito. Para gente é muito. Mas, no fim das contas, não é um filme caro. Que você fica assim "caraca, que gigante. Dinheiro infinito." Não, não tem dinheiro infinito. É um dinheiro bem restrito. Ainda mais que teve o Brian Singer que é um cara muito importante, que tem um nome por detrás. Então, ele leva uma grana boa nisso tudo. Você tem uma estrutura de Marketing, uma questão de direitos autorais enormes, porque é vinculado direto ao Queen. Então, é meio complicado isso. O filme não tem dinheiro para fazer CGI. Então, como eu já sabia que ele não ia ser um filme muito rico, com recursos infinitos, eu pensei "cara, eles não podem ficar em fundo verde, 'green screen' e bota o cara cantando e depois a gente preenche." Porque o ator não vai conseguir interpretar fingindo que tem um milhão de pessoas assistindo e se ele está cantando em um fundo verde. Vai ficar igual ao filme Vingadores. Que as histórias são quaisquer coisas, mas a interpretação são umas merdas. Os filmes de super-herói... na interpretação de super-herói é uma merda. Mas por que que é uma merda? Porque os caras não interpretam de verdade. Cada um faz uma cena separado, num pedaço para emendar com outra, porque tudo é visualmente construído depois. Então é difícil para o ator também chegar e em dois dias fazer uma cena de profunda dramaticidade ali. Eu conversei com uma professora que foi porra louca na época da adolescência e estava lá. Ela assistiu o filme já, mas quando ela viu o trailer, ela falou "eu estava lá." E ela é produtora, ela está fazendo um documentário do 'Sexy Pistol', com a galera do 'Sexy Pistol'.

Orador B: Esse aí talvez eles mudem o diretor. E o roteirista.

Orador A: É um documentário. Ela está produzindo um documentário sobre a banda, sobre o quão o punk rock enfiou o pé. Essa é a pegada. Depois de assistir ao filme, eu conversei com ela e eu perguntei o que que ela achou. Ela falou que ia tentar resumir o filme em uma frase "é um potencial maravilhoso com pouca reunião." Ela acha que teve pouca reunião. Poucas pessoas se sentaram e conversaram sobre o filme antes. Não teve tanta reunião. Pouca comunicação. É um potencial enorme que todo mundo via "cara, isso vai ser bom." "nossa, isso vai ser bom," Mas eles não se sentaram para se comunicar e mostrar o que que cada um estava

meio que querendo fazer com o filme.

Orador B: Muita ideia e pouca camada.

Orador A: Exato. Ele fica meio brando, porque ninguém quer enfiar.

Orador C: Faltou o trabalho de mesa.

Orador A: Exatamente. Faltou o trabalho de mesa. Do grupo sentar e falar "ok, o que que é que não pode faltar? O que que é que não pode entrar?" Esse tipo de coisa que é meio que decidido realmente quando você está nesse processo de pré-elaboração, finalização do roteiro e tal. E depois que termina, vai na mão do cinematografo, do diretor e fala "cara, agora é tentar mostrar tudo que vocês acharam que deveriam ter entrado e que não está escrito e que não pode ser filmado." E agora vocês tentarem forçar a barra. Então, eu acho fantástico a cinematografia desse filme, porque ele vai no lugar que ninguém foi ainda. Que a história não foi, que o diálogo não foi.

Orador B: A cena dele saindo da clínica depois de receber o diagnóstico, aquela cena não precisa te dizer nada. Você sabe todas as falas que estão passando na cabeça dos dois sujeitos daquela cena. Você sabe quando ele está correndo para o palco, para hora dele, que ele está nervoso e você consegue entender a ansiedade do momento pelos alongamentos e aquecimentos que ele faz subindo na rampinha para entrar no palco.

Orador C: Se preparando, não é? Chamando a energia.

Orador B: Que são cenas com absolutamente nada dito.

Orador C: Maravilhoso, lindo de ver.

Orador B: E ali é a hora que o filme emociona realmente.

Orador C: É a hora que você paga pau para o ator.

Orador B: Vamos falar de Rami Malek. Porque eu não conhecia o cara. Eu não vi Mr. Robot, nada disso. Fiquei sabendo de algumas coisas da produção, que o cara ficava usando dente o tempo inteiro e que trabalhou um tempinho com coreógrafo. Eu não sei se todos perceberam, mas o live é completa cópia, cuspida e escarrada de absolutamente de todos os movimentos feitos naquele dia.

Orador D: Tem no Youtube, a comparação do show lado a lado.

Orador C: Uma coreografia, é como um balé. O cara, tipo assim, pegou uma coreografia de balé. A bailarina vai estudar aquela porra e vai fazer identicamente aquele balé.

Orador D: Tem um documentário que está no Youtube "Rami Malek becoming Freddie Mercury". Eu tinha visto uma outra entrevista também que tem no canal da FOX e ele falando que foram os coreógrafos e ele falou que os coreógrafos não iam ajudar. Tinha uma coordenadora de movimentos, coach movements lá. E aparece o making off. Todos os movimentos, tudo, ela com braço e tal. Então, foi um estudo gigantesco.

Orador B: Porque os movimentos deles, eram milimétricas as coisas que ele fazia. Tem uma coisa também que eu achei muito incrível, porque as músicas eram as músicas do Queen. Então, era fácil, ele tinha que dublar, era fácil, porque ele tinha uma forma muito específica de cantar, porque ele tinha 4 incisivos no céu da boca. Além disso, ele não estava dublando só nos momentos de músicas. Porque ele cantarola o filme inteiro. E um dos caras que fez a voz da 'cantarolância' dele e as partes mais cantadas, as vozes mais empostadas. O Rami não tinha uma... não era cantor para isso. Quem fez foi o Marc Martel, que é um cara sensacional....

Orador C: E que inclusive não deve ter 36 dentes para deve ter uns 34. Ele tem uma coisa... ele tem uma estrutura meio dentucinho.

Orador D: Ele parece um pouco também.

Orador C: Gente que bafo.

Orador B: Eu assisti o show ao vivo dele uma vez, mas essa é outra história... eu fui no especial que chama "Queen-extravaganzza" que é um show sentado, um espetáculo no teatro com as músicas do Queen e para suprir o cara, eram quatro cantores, incluindo o Marc Martel, e uma mulher também para algumas das músicas. O cara é realmente impressionante. Não sei se imitador é palavra que faz jus, mas ele canta impressionantemente próximo ao Freddie.

Orador C: Ele alcança aquela singularidade toda.

Orador A: Ele chega lá.

Orador B: E o Rami tinha que dublar o que o Marc Martel fazia com os movimentos de boca do Freddie, e não do Marc. Então uma das coisas que, se vocês perceberem, que é muito diferente, eu já vi uns coachs de voz falando, como ele tinha muitos dentes e ele tinha vergonha dos dentes e queria esconder os dentes. Ele escondia os dentes dele quando ele cantava com os lábios e isso talvez dessa boa parte da projeção vocal que ele tinha. Então, quando ele ia cantar, vocês não vão conseguir, mas imagina na cabeça de vocês a careta que eu vou fazer agora, mas em vez deles fazerem "a" para cantarem, ele fazia "a". E o "a" que eu estou fazendo é basicamente colocar o lábio inferior apontando para o céu da boca dentro da boca. Porque ele queria esconder os dentes. E ninguém dá conta de fazer isso. Imagina você ter que fazer isso, sincronizando a boca.

Orador C: Um trabalho primoroso nesse quesito assustador.

Orador B: O ator que fez o Brian May.

Orador D: Nossa, é outro incrível.

Orador B: Não vai conseguir mais fazer nada na vida, porque ele vai ser para sempre o Brian May. Se o Brian May aparecer na frente dele, no espelho, ele vai coçar a cabeça e falar "opa, é espelho ou sou eu mesmo?"

Orador C: Sim.

Orador B: Porque ficou idêntico.

Orador D: A caracterização dele ficou extraordinária. Mas ele sem a peruca é bem diferente.

Orador B: É completamente diferente.

Orador D: Eu falei "nossa, o cara que imaginou ele com a peruca e com a energia mandou muito bem." Porque eu não imaginaria.

Orador B: Como é que vocês fazem o casting de atores? Se for um casting, por exemplo, um personagem conhecido, o Slash, vocês pegam todos os atores que vem e colocam um perucão do Slash? Porque tem um algoritmo que você vai lá no banco de atores e vai jogando...

Orador A: Esse negócio do casting, por exemplo, é claro que quando, há muito tempo atrás, quando o Queen anunciou que poderia voltar, enfim, teve todo o lance do Freddie morrer e o Queen ia voltar e como é que ia fazer isso? Eu lembro que eu conversava com amigos que são músicos e estão sempre envolvidos na parte de produção musical hoje, e a gente discutia qual seria a melhor pessoa para substituir o Freddie Mercury. Quem é que vai ser, para voltar a banda Queen e ser a mesma potência. E é engraçado pensar que naquela época, a gente estava conversando sobre isso, a dificuldade técnica que o Freddie tinha implementado na cantoria e como que a gente ia chegar nesse lugar. E na época, eu me lembro, se eu não me engano, era o Prince uma das pessoas que a gente levantou como possibilidade assim. Porque na época não existia Youtube, não tinha esse cantor canadense Marc Martel, ele não apareceu, não existia ainda. Só que era isso. Uma pessoa que daria conta. Hoje, já com a possibilidade de você ter acesso, pessoas publicando coisas de qualidade incrível na internet e você só faz uma busca. Mas como é que funciona o casting disso? Por que não chamaram esse cara para atuar?

Orador B: O Marc?

Orador A: É...

Orador B: Porque ele não é ator.

Orador A: Talvez porque ele não seja ator mesmo, não daria conta de levar um filme nas costas, mas também porque o filme é muitas vezes vinculado a produção de quem já estava engatilhado. Filme vai ser feito ou com Borat ou então com fulano de tal. Fora esses dois a gente não vai fazer esse filme. Entendeu? Só vou pagar se for com fulano ou fulano. Consiga fulano aí para mim. Uma vez que consegue fulano, a gente vai fazer o filme. Não é o contrário. Muitas vezes a gente pensa "ah, eu quero fazer um filme sobre o Queen. Então, deixa eu procurar quem mais parece com ele." Não, não é assim. Se faz assim. Eu tenho esse ator, eu quero fazer o filme com ele. Eu tenho um contrato com Tom Cruise, mais dois anos. Então vamos fazer alguma coisa com ele.

Orador B: Quem eu tenho disponível aqui nas minhas cartinhas de contratado.

Orador A: Exato.

Orador B: Mas, na verdade, eu fico me perguntando assim: da mesma forma que eles escalaram

o Adam Lambert como o vocalista que acompanha o Queen, é Queen + Adam Lambert. Isso é bem sólido. Talvez a escolha do ator seja ao próximo a isso. Por que que vocês pensaram no Prince e não em alguém extremamente parecido com o Freddie para ser o novo vocalista? Porque ninguém daria conta de ocupar o espaço sendo parecido com o Freddie. Teria que ser alguém completamente diferente, com uma aura que evoca aquilo que o Freddie provocava nas pessoas. De confusão mental, de ser extremamente másculo e afeminado. De ser extremamente sexual provocativo e tímido, porque ele era muito tímido. Difícil de conceber, mas era. E a mesma coisa com o Marc Martel. Talvez ele seja tão parecido que seria uma desonra colocar ele ali, no papel de substituição, e não de representação do que o cara era. Então, pegar alguém excêntrico e que consegue subverter a atuação.

Orador A: Mas também o Marc Martel é um cara do Youtube. Você teria que ter a indústria do cinema Hollywood...

Orador B: Produzindo ele.

Orador A: E teria que ter a indústria de Hollywood se rendendo ao Marketing do Youtube que significa uma coisa que Hollywood não quer fazer, por enquanto. "não, a gente decide quem são os talentos." Não são vocês que dizem que vocês são talentosos. A gente é que diz. A gente é que acha vocês. Não o contrário. Não é você que explode e de repente a gente chama você. Você vem até a gente e pede. É tipo esse esquema. No caso, quando a gente escolheu o Prince, por exemplo, é porque ele realmente seria, cara. Imagina se fosse esse filme com o Prince, eu ia achar o máximo. Porque o Prince tem alcance musical. Ele tem alcance vocal na cantoria.

Orador B: E a personalidade dele, é tão fluido quanto, talvez.

Orador A: No palco fluía desse aspecto que você realmente acreditava que estava rolando, e não necessariamente você precisava ficar olhando visualmente. Era uma parada mais curtida, imaginativa, não representativa. Outro que consegue muito e que até cantou em especial e que fez muito bem, é o George Michael. É um, que caraca. Putz, fez o que fez e consegue chegar naquela potência toda de interpretação. E seria interessante se a gente tivesse, como eu falei, por exemplo, o Velvet Good Mind que é o filme sobre esse período histórico com músicos mais fictícios, mas que fala a história do Rolling Stone, que fala a história do Led Zeppelin. Sem necessariamente ser sobre a banda. E, de novo, poderia ter sido um filme mais fantasioso sobre a história do Queen e, especificamente, sobre a história do Freddie Mercury. Mas fantasioso. Com nomes como é o "Across the universe". Com nomes diferentes, com nomes diferentes que aí esse filme seria fantástico.

Orador D: Esse lance da performance, eu acho interessante, porque quando o Rami vai interpretar o Freddie, ele vai pegar, ele tem que fazer toda a performance que o Freddie Mercury fazia. Botar ali no palco e tem que levar essa interpretação também para todos, apesar da gente de não aprofundar tanto e não ter tantas camadas, mas em todas as outras situações que o filme coloca aquele personagem também.

Orador B: E que o público não viu, não é?

Orador D: então, ele tem que ser o Freddie Mercury no palco que é o que todo mundo sabia,

mas ele tem que ser o Freddie Mercury lidando com ciúme, lidando com a paixão, se descobrindo...

Orador B: Com gato, com mãe...

Orador D: Com gato, com a banda.

Orador B: Isso, eu acho que aproveitando que o público em geral só viu o Freddie público, poucas pessoas foram atrás de conhecer o Freddie privado, eles não traduziram muito bem. Transformaram ele em privado na diva que ele era em público. E eram duas pessoas completamente diferentes. Ele era introspectivo, ele falava baixo, ele gostava de passar despercebido, ele era quase um infantil que precisava ser cuidado. Ele era um monstro gigantesco no palco, mas ele era franzino, pequenininho, mirradinho e parece, por exemplo, quando eles estão lá no estúdio, discutindo contrato e "ah, não sei o que, você vai ser para sempre conhecido como o cara que perdeu o Queen" e apaga o cigarro no contrato. Parecia que ele era aquela diva o tempo inteiro. E ele jamais faria esse tipo de coisa, porque ele era tímido. Introspectivo e quieto. Ele não gostava nem de andar com outros astros do rock que ele ficava incomodado. Dizem que quando ele veio para o Brasil, ele se irritou. Tem umas coisas dele dando entrevista no Brasil, sem paciência e tal. Teve uma vez que ele se irritou com os jornalistas fazendo as mesmas perguntas o tempo inteiro. Na Argentina, ele combinou com o guarda costas tradutor dele que ele era obrigado a ter, na época, e falou assim "eu vou falar qualquer coisa para você em inglês e você traduz o que você quiser. Depois a gente vê como fica a entrevista." E o cara perguntava "qual é a sua música favorita?" Ele falava "então, você cozinha duas batatas e não sei o que...". Falava qualquer coisa e depois eles sentavam para conversar, para ler a reportagem. O tradutor já tinha ouvido tantas vezes que ele respondeu exatamente as respostas que o Freddie responderia, tirando uma parte do Maradona. Que o Freddie nem sabia quem era, porque ele só gostava de rúgbi e não sabia nada de futebol. Ele era esse tipo de palhaço, que fazia esse tipo de peça. De ficar pregando peça nos outros, fazendo brincadeira que ia ser muito mais rico e maneiro de estar no filme. Uma coisa que me incomodou muito. Ele vai para uma festa, fica muito doido na festa sadomasoquista e, no outro dia, ele está passando mal na entrevista. Quem pega AIDS num dia e fica mal no outro, não é? Foram 10 anos de janela. Ele provavelmente foi infectado na década de 70. Existem relatos da própria Barbara Valentim, mais ou menos 1983, 1984, de que ele já estava ficando doente, já estava ficando mal. E provavelmente não queria ir atrás do diagnóstico. Live Aid foi em 1985, ele provavelmente sabia que tinha já em 1983, mas o Live Aid foi em 1985 e o primeiro teste, a primeira vez que ele teve o diagnóstico foi só em 1987. Então, aquele drama que foi construído "eu tenho que fazer o Live Aid porque talvez eu não tenha mais tempo de vida." Pode ser que ele estivesse pensado isso mesmo, porque ele já tinha ficado doente, ele já tinha um calombo na garganta que sumia e aparecia, que ele deu até nome. Não sei quem faz isso, mas... então, ele provavelmente sabia, mas não era o drama que eles construíram. A vida do cara tinha tanto drama, o tempo inteiro, que para que escolher esse como drama?

Orador A: Talvez esse negócio da dificuldade que foi a coordenação de câmera... porque o cara vai ter que interpretar um personagem que existe, fazendo os trejeitos de um show muito importante ou o mais importante de todos os tempos, que está filmado, no Youtube, disponível

para todo mundo assistir a qualquer momento. Fazer comparativos do vídeo, filme, vídeo show e você tinha a dificuldade de chamar o ator para ele criar cena, desenhar coreografia, mimicar aquilo tudo e a gente ainda filmar. Porque não é uma peça de teatro que a gente está enxergando o que o cara está fazendo. Você sabe que a gente filma oito, nove, quinze, trezentas vezes de um lado e depois muda a câmera e filma do outro e depois filma do outro, depois filma do outro e depois pega esse monte de material e monta para que você veja o show tal qual ele era lá. A dificuldade de fazer tudo isso, a logística, eu penso em termos de produção mesmo. A logística talvez tenha sido tão gigante e tenha envolvido tanto dinheiro e talvez o aporte todo da liberação dos direitos autorais do Live Aid e das cenas do Live Aid, dos nomes do Live Aid. U2 está sendo falado e tudo isso está sendo colocado numa planilha de orçamento. Talvez o foco principal da produção fosse "a gente tem um gol aqui que é fazer esse filme ser tão conhecido depois por essa performance no Live Aid, vamos fazer o Live Aid ser o ponto máximo desse filme?"

Orador B: E talvez por isso não foi uma biografia completa. Foi uma biografia do recorte ao redor do show.

Orador A - E como que a gente vai fazer o show ter uma importância emocional? Como se faz o show ter uma importância sonora? Como a gente faz a construção do personagem até ele entrar no palco do Live Aid como sendo o ápice da carreira até aquele ponto. Ali é o ponto máximo. Que na verdade não foi. Mas tipo, como?

Orador D: Fazendo os telefones não tocarem e só começar a tocar quando ele começa a cantar.

Orador B: Outra fanfic também.

Orador D: Outro exagero ali.

Orador B: Mas talvez eles têm um gasto tanto cérebro fazendo o filme acontecer que não deu tempo de pensar nas camadas do filme.

Orador D: Verdade.

Orador A: É, faltou reunião.

Orador B: Faltou reunião.

Orador D: Faltou trabalho de mesa.

Orador B: Raro são os casos em que eu diria isso, porque boa parte das reuniões poderiam ter sido e-mail, mas muito e-mail desse filme poderia ter sido reunião.

Orador C: Uma troca de áudios no WhatsApp, gente.

Orador B: Vou cortar um pouco do assunto do filme agora que estava ficando meio pesado. Estar em grupos de WhatsApp, Telegram com outros podcasters é uma garantia que você vai passar pelo menos umas duas horas do seu dia ouvindo micro podcasts sobre os mais diversos assuntos. A galera conversa muito sobre áudio.

Orador D: Lembrando Daniel Day-Lewis quando ele fez o Lincoln. Pensei "pô, foi um cara que existiu, uma personalidade. A gente conhece muito, mas a gente não tem vídeo, não tem os trejeitos." Mas quando você vai para fazer alguém que tem uma puta documentação, você bota no Youtube tem todos shows. Tem entrevista. A dificuldade disso, né... Não é à toa que tinha isso. Tinha coreógrafos, tinha uma pessoa só para os gestos. Tinham duas professoras de canto, porque ele cantava também, quando ele apresentava, porque elas falavam que para dublagem ficar crível, ele tinha que cantar, porque quando você canta, você trabalha alguns músculos. Tipo, tenta dublar. Filma você dublando e canta uma música que você sabe. Na hora a gente percebe que é fake. Eu acho que até a voz dele entrava junto, fazia um mix dele com a do Marc Martel. Acho que naquela cena que ele canta os parabéns para ele. Eu vi uma entrevista...

Orador C: Tem lugares que mixaram as três vozes.

Orador D: Exato. Da uma mistura para conseguir, para não ficar muito distante da voz dele. Então, é uma trabalhadeira e é um bom questionamento.

Orador C: Gente, é uma tecnologia incrível.

Orador B: Porque, por exemplo, o Freddie foi muito mais documentado, por exemplo, do que o Ray Charles, que é outro que o Michael Jay Fox foi super aclamado pelo trabalho corporal e tudo. Mas, a gente não teve alguma biografia até agora de alguém que foi tão gravado, fotografado, entrevistado, aclamado, observado o tempo inteiro quanto Freddie Mercury. Eu acho.

Orador D: Quem vai fazer o Elton John está com um...

Orador C: A gente teve Elis aqui...

Orador A: Mas do Elton John, eu acho que vai ser também em cima desse lance mais fantasioso. O autor do Elton John é aquele cara que escreveu também o "Cavalo de Guerra", que escreve o "Billy Elliot", que é um autor de fantasias, de contos de fadas. Então, até o trailer mesmo, eu vi, eles têm uma cena que está tocando e o público começa a levitar. Eu acho que se eles forem nesse lado de uma fantasia mesmo, absolutamente, desconexa da realidade, isso seria fantástico. Mas eu queria falar uma coisa de diálogos que eu achei interessante no filme. Eu até coloquei no que a Bárbara falou dos podcasters dos grupos de WhatsApp e Telegram. Eu conversei também, que eu faço parte dos grupos dos Dragões. Para quem não conhece existe um telegram para os dragões, para os patrões dos dragões. Então se você quiser participar desse grupo seletivo, você entra lá no site, contribui mensalmente e você ganha acesso ao grupo mais exclusivo e mais fantástico que tem na internet para você se divertir e aprender.

Orador B: De vez em quando, a gente convoca o Reinecken "o que você achou de tal filme?" Aí ele manda um áudio de cinco minutos e aí vem outro em seguida que sempre começa com "só mais uma coisa..." e aí vem outro áudio de sete minutos. "aí gente só mais uma coisa..." depois o próximo áudio vem com último áudio, eu prometo." Então, se você quiser acesso ao podcast exclusivo do Reinecken "só mais uma coisa..."

Orador A: Eu falei no grupo disso e acho que é uma análise bem interessante que eu percebi que tem, que são diálogos que eles conseguiram fazer e acho que está vinculado a interpretação, principalmente, do Malek que é muito boa. Isso acontece o filme inteiro. A primeira cena do filme é um reflexo de uma câmera voando para abrir a porta de um trailer prateado e que é uma alusão direta ao cartaz também que tem a cara dele na metade. Só metade do rosto dele sendo mostrado com reflexo no olho. Ele tampado. O olho está tampado e isso vai sendo refletido. Esse lance de estar refletido e mostrando só um pedaço daquilo que você está vendo. Então, por isso que eu acho que a cinematografia, que é do Newton Seagol. Essa cinematografia dele, eu achei muito bonita, porque eles conseguiram criar uma forma de contar história visualmente e conseguir fazer diálogos dentro das cenas de forma muito inteligente que eu acho que é o que faltou na história da fala. Mas está presente no roteiro. Se você pegar o roteiro, essas cenas estão escritas lá. Que o roteiro não é só o diálogo. É também o que a câmera faz. Então, realmente, você tem uma entrada em voar. Ele faz uma referência de uma câmera que voa para um reflexo prateado de uma van e você abre um trailer, essa vanzinha e começa, ele saindo. E esse reflexo se repete quando você tem a outra metade dele sendo vista na entrada da nave do hospital. E também é uma cena muito interessante quando ele está entrando no hospital, tem uma luz de fundo iluminando as costas dele e ele está vindo para você e o hospital está completamente vazio. Você tem duas ou três cadeiras nos cantos completamente vazias. E é uma luz fria, bem fria. E ele está entrando. E depois, você vê a próxima cena eles fazem uma câmera muito aberta e ela vai fazendo um zoom até chegar nos óculos dele que faz alusão ao cartaz. Então, a primeira cena você vê ele sentando em uma cadeira, só que você está atrás da janela. Depois a próxima é mais perto, por trás da cortina. Você está vendo só metade dele de novo. E depois a próxima é o mega close nos óculos dele. Só. E os óculos dele recebendo a notícia e é um áudio muito baixo no fundo, tipo, "você entendeu como é que é o diagnóstico? Você sabe isso e tal?" E esse diálogo é para mostrar para o público "ok, esse cara vai morrer. Ele acabou de receber a sentença de morte dele. A gente está sabendo que ele está com AIDS agora e tal." E quando ele vai embora, nessa cena, depois de você ter visto o reflexo da mão dele pelos óculos, ele está andando de fora do hospital e você tem ele na nave do hospital aquela mesma cena, só que ele indo de costas. A luz está um pouco mais quente e você tem um cara sentado do lado direito dele. E essa cena, eu acho fantástica, porque ele está passando pelo cara e o cara canta. E o cara canta todo afinadinho. E depois que ele passou. Ele para, olha para o lado. E ele fala de um jeito super desafinado, não cantado. O cara que está doente, que o público reconheceu ele já pegou a música, já pegou o trejeito, já entendeu o que a música representa. E ele já não está mais lá. Ele já entregou esse bastão. Ele passou o produto artístico para o público. E aí depois, por essa mesma cena e depois tem aquele droneção que vai até o palco. E quando ele fala no palco, no Live Aid e a plateia grita. Você tem um take enorme do olho do ator. E aí é o lance de você conseguir refletir no olho do ator a mesma cena que ele gravou quando ele estava no hospital. É um diálogo de cenas que o cara fez, com a mesma possibilidade de câmera, de próximo que ele está de costa olhando para o cara e falando e depois ele está de frente, ouvindo o público gritar. Só que ele está cantando e o olho dele está lá interpretado profundamente. Eu achei esses diálogos, no filme, em termos de cinematografia, fantástico para contar história. O cara está entregando o bastão para o público. Ele fez tudo o que fez e está deixando para o público assumir o produto artístico dele. E o que de fato aconteceu um pouco com a banda mesmo. Jogo de hóquei. Que é uma coisa super testosterona que os caras ficam

se batendo e tal e todo mundo canta: "We will, we will rock you" todo mundo canta uma música de um cara tão controverso nessa relação, sexual até. E é tipo o hino da testosterona no hóquei e no basquete.

Orador B: Uma das coisas que o Freddie me evoca e o Queen me evoca como banda é que eles nunca são uma coisa só. Eles não eram só uma banda de rock. Eles eram uma banda de rock que tocava jazz, opera e disco. O Freddie, ele não era só um cantor ou um astro de rock. Ele era um astro de rock homossexual, bissexual, pansexual, másculo e feminino ao mesmo tempo. Que cativava multidões na época mais conservadora dos EUA. Tanto que eles tiveram vários problemas nos EUA, os discos lá não podendo tocar ou clipe não podendo tocar. O público amava eles. Mesmo eles sendo essa controvérsia. Então são sempre mais do que uma dualidade habitando o mesmo corpo, mesmo espaço, a mesma banda. E eu acho que o filme foi dual. Ele não respeita essa subversão da própria banda de ser várias coisas ao mesmo tempo quando ele é um filme de bem e mal. O mocinho Freddie versus o malzinho Paul, o amor da Mary que nunca será como o amor dos homens, o que é bom que é ele show, música e tal e o que é mal, que é a AIDS. E falta isso.

Orador C: E a gente pergunta: O senso comum é bidimensional, por que é fresquinho ou é fresquinho porque é senso comum bidimensional? Quem que dá o tom disso?

Orador B: Exatamente.

Orador C: A produção nutre esse lugar porque sim ou esse lugar só existe, porque foi nutrido assim desde sempre. Então vira aquele ciclo que a gente fica "e como que a gente para essa bola"?

Orador D: é engraçado que é filme falando sobre um grupo, uma banda que desde o começo eles falam que é uma banda que não segue fórmulas, que eles estão sempre se reinventando. E é um filme que segue totalmente a fórmula, não é? Que está dando certo. Ele podia muito bem "já que a gente está falando de um grupo de pessoas que não seguiram fórmulas e por isso foram incríveis, vamos fazer uma coisa muito louca!" Mas eu acho que entra aquilo... deve ter sido tão difícil tirar isso do papel que na hora que for na hora "não, agora que a gente aconteceu tudo encaixar..."

Orador B: Calma. Vamos só garantir que vai acontecer.

Orador D: Exatamente.

Orador B: Questionando de novo o papel da arte ou a intenção desse filme, quão maléfica é a indústria cinematográfica... Eu fico me perguntando se, por exemplo, amanhã, um filme... do Elton John, que seja, que não seja limpeza. Não seja livre. Se a gente, no período, em que a gente está, ao invés de usar essa linguagem da aproximação, essa linguagem de lugar comum, de fazer concessões com as coisas que você não tolera em função de coisas que você gosta muito e aproveitar o melhor de que cada pessoa tem a oferecer, meio a vibe que a gente estava discutindo do filme. Se a gente começar também a ter obras muito agressivas e literais do que o período foi, se a gente não vai ter uma encaretização.

Orador A: Mais?

Orador C: Olha....

Orador B: Minha dúvida é exatamente essa. Por fazer filmes caretas, você transforma o público em mais careta? Entenderam?

Orador A: Entendi o que você quis dizer.

Orador B: Estamos caretas. E agora? Tem uma frase também do próprio filme: "A América é conservadora em público e depravada em privado." Então, se a gente não começar a mostrar que algumas coisas, algumas "depravações", e eu estou fazendo aspinhas cm meus dedos agora, são, na verdade, a vida normal das pessoas. Se a gente não normalizar isso, se a arte não mostrar isso, como é que a gente vai mostrar?

Orador A: Eu entendo a arte mais como um reflexo da sociedade do que como, na verdade, que carrega a sociedade para algum lugar. Ela pode ser a que muda, mas ela é o reflexo.

Orador B: Ela empurra atrás. Ela não puxa na frente.

Orador A: Tipo isso. Porque, por exemplo, esse filme, eu estava olhando, enquanto você estava falando, esse filme foi feito com 52 milhões de dólares. Tinha falado que era 80, mas na verdade foi 52. Muito menos do que eu imaginava. 52 milhões de dólares.

Orador B: Que é muito dinheiro, mas é barato.

Orador A: É muito pouco. É muito pouco mesmo. 52 milhões de dólares para esse tipo de filme com essa amplitude é muito pouco. E ele arrecadou no mundo inteiro oitocentos e quarenta e tantos milhões. Então, ele é um megassucesso.

Orador C: As pessoas apostam nisso, gente. A gente pode polemizar o quanto a gente quiser aqui. Tem uma indústria poderosa enchendo o rabão de dinheiro.com.br. Isso aí, caga todas as regras.

Orador A: O cara vai olhar e vai falar "o que que esse filme tem de bom que ele deu tanto dinheiro?" Ele é um assunto que as pessoas gostam, mas eles também estão na medida que tem muita gente levando criança e quando leva criança. Leva três filhos e tem que pagar mais dois ingressos. Então, brother, então vamos fazer outro igual.

Orador B: Tem boneco. Aposto que vai ter boneco do Freddie de dia das crianças. Vou achar ruim?

Orador C: Inclusive, vou querer.

Orador B: Exatamente. Vou achar ruim? Não vou, eu já tenho um quadro e um busto dele no meu quarto.

Orador C: Um busto? Maravilhosa.

Orador B: Vou achar ruim? Não vou, mas vai ter. Porque o capitalismo é isso aí, gente.

Orador A: Ele rendeu muito bem. Eu imagino que funciona. Nessa relação do Oscar, eu até acho que, em termos de melhor filme, eu não acredito que seja. Realmente, ele não é o melhor filme fantástico. Ele não tem muitas coisas absurdas e ele ganhou ontem ou hoje que a gente está gravando esse podcast. No British Academy Awards, ele ganhou o "Oscar" da academia britânica. Ele ganhou como melhor som, por exemplo. E ele concorreu com a A Quiet Place. E eu particularmente acho o A Quiet Place realmente muito melhor. Muito mais trabalhoso do que Bohemian. Porque Bohemian o som, tirando as músicas, é ok. O EDR desse filme está bem mais ou menos. Tipo, os diálogos estão meio fora da boca em alguns lugares. Ele não é um filme perfeito, porque ele não é um filme com dinheiro. Um filme com 52 milhões de dólares, você espera ver cena que o ator está de costas e está fazendo um over the shoulder e você está vendo o ombro da pessoa e você está vendo o cara mexer a cabeça, mas você não está vendo ele falar. Você está vendo o ator interpretar uma fala, mas você não está ouvindo a fala. Esses detalhes assim, com filme com 52 milhões, que você realmente acha que vai acontecer, porque realmente acontece. Essas coisas dessincronizadas. Porque não é acuradasso. Porque não tem milhões de pessoas em cima, ali. Só que ele é um reflexo de uma sociedade que talvez esteja evoluindo para abrandar um pouco alguns discursos. A gente está evoluindo como sociedade para abrandar coisas. A gente vai falar do afro futurismo? Não. A gente não vai poder claramente e explicar para o público. A gente vai deixar escondido, só para alguns. E no fim das contas a gente vai mostrar só gente batendo mesmo, porque é isso que a gente quer ver. A gente não quer discutir a questão que o Black Panther não discutiu, que é os negros que foram afastados da África que estão na América sofrendo e o Wakanda fechou as portas e fechou as caras. Como o personagem mal falou no filme, mas não é isso que a gente vai discutir. No filme a gente vai discutir de novo o abrandamento da mesma coisa. Então, a gente não vai falar do Freddie Mercury...

Orador B: Poderes, dinheiro, nave...

Orador A: A gente não vai falar do Freddie Mercury como ele foi, a gente vai falar do mito, bonito que a gente gostou de ter. Porque é disso que a gente tem que falar hoje. É disso que a gente quer levantar.

Orador B: Ou não. Ou a gente vai falar de uma realidade passada e que você vai ter com quem conversar que provavelmente vai ser sua tia. E toda família tem uma tia porra louca. Você vai falar de uma época, de um período que você vai ter com quem conversar que discute uma epidemia que está voltando, epidemia de AIDS. AIDS continua não tendo cura. Tem tratamento e as pessoas não procuram o tratamento. Que ainda é gratuito no SUS. O Brasil é um dos países modelo disso. E a quantidade de pessoas infectadas, jovens infectados, principalmente homens, tem explodido no mundo inteiro e você traz de volta uma discussão de AIDS sem falar de AIDS, porque as pessoas não querem falar de AIDS. Elas tanto não querem falar de AIDS que estão de saco cheio e que nem camisinha estão usando. Então, não vamos falar de AIDS. Vamos botar um cara incrível para morrer de AIDS. E você vai falar "eita, vamos falar de..."

Orador C: É muito estratégico também.

Orador B: É muito estratégico. Eu não sei se foi a intenção, mas eu espero que funcione.

Orador A: Eu também acho que não tenha sido a intenção, mas funciona desse jeito mesmo. Assim como eu acho que, por exemplo, o "A Star is born" da Lady Gaga. Nasce uma estrela.

Orador B: Vamos falar de depressão sem falar de depressão.

Orador A: Na verdade o filme sobre o alcoolismo, sobre a depressão. Não é outra história. A história é isso. Mas como que a gente conta uma história de alcoolismo e depressão. Como que a gente fala de suicídio, que isso interfere na vida de uma pessoa.

Orador B: Bohemian Rhapsody é mais nasce uma estrela do que nasce uma estrela sobre o nascimento de uma estrela. Nasce uma estrela é sobre depressão e alcoolismo. Bohemian Rhapsody é sobre o nascimento de uma estrela.

Orador A: E com essa a gente encerra, porque foi ótima.

Orador B: E digo mais: Gaga, de Lady Gaga, vem de Rádio Gaga.

Orador A: E é isso. Alguém quer falar mais alguma coisa, gente? Obregas?

Orador D: Não, só que eu estou muito feliz de voltar e quero estar mais presente. Não me vete, Gustavo. Quero participar mais.

Orador A: Eu vou tornar público todas aquelas conversas de WhatsApp que eu mando. "Obregas, cadê você?"

Orador D: Pode. Pode.

Orador A: E aí aparece os números não conhecidos falando "Ah o Obregas não pode." Eu sei que é você que está respondendo.

Orador D: Eu não sou uma estrela. Eu não sou inacessível. Eu sou só mais um do povo, da galera.

Orador C: Só um rapaz latino americano sem dinheiro no bolso. De boa.

Orador D: Exatamente. Queria ser uma estrela? Queria. Mas não sou. Ainda.

Orador C: Eu vou me despedindo aqui achando maravilhoso, porque neste elenco nós temos mais a Lu Loureiro, outra mulher que a gente quase não se esbarra nos programas. Então, ter outra racha aqui hoje foi um prazer. Racha power. Adoro.

Orador D: Foi incrível.

Orador C: Foi muito bom estar com Obregas, que a gente nunca se cruzou também, pessoalmente, na gravação. Então foi um programa bem divertido nesse lugar e é isso. Um beijo para todos dessa nossa podosfera.

Orador A: Eu queria agradecer imensamente. Bárbara, você quer falar alguma coisa, quer deixar um recado final, enfim, falar alguma coisa? O microfone é seu.

Orador B: Eu queria convidar todo mundo que gosta de teatro e também gosta de ciência, talvez, para ir lá ouvir a gente no Dragões de garagem. A gente tem o podcast, tem Youtube, tem tirinha. Somos todos lendas.

Orador A: então, eu queria deixar meu registro, mais uma vez, a minha admiração, não só pelo grupo "dragões de garagem", mas por essa figura maravilhosa, inteligentíssima, nerd, supernerd que veio aqui nos abrilhantar. Eu fiquei muito satisfeito de conseguir marcar a pauta num período em que ela podia. A gente, quando convidou, ainda fiquei "ah, ela vai estar cheia de coisas. Doutorando, doutorados e mais moléculóides para ver e monte de células."

Orador B: Ainda bem que cinco microfones não pegam rubor, não é?

Orador A: Mas é verdade. Eu fiquei muito feliz que tu conseguisses o tempo para vir aqui. Acho que abrilhantou muito. É um conhecimento que a Bárbara tem da própria história do Freddie. Enfim, a gente já conversou bastante no Telegram sobre esse filme. É claro, para vocês ouvintes, está aqui linkados, embaixo, todos os outros podcasts que já falaram sobre isso. A gente não se ateve muito e acho que nem era muito, necessariamente, ficar falando do filme em si, dos pontos do filme. Você já tem muito material. Acho que tem que assistir a obra. Avaliar e analisar uma obra, eu acho que tem um pouco mais no aspecto moral, estético, filosófico e político dela do que propriamente ponto a ponto. Essa pelo menos é a nossa metodologia de avaliação de produtos artísticos. Mas queria agradecer também o ouvinte que conseguiu aguentar até esse momento. Porque deu quase duas horas de conversa e eu espero que a gente corte muito pouco para poder aproveitar o máximo possível disso. Os links estão aqui embaixo e não se esquece de clicar e também queríamos pedir encarecidamente que, por favor, não deixe de entrar em contato no bilheteria@trabalhodesa.com, nossas redes sociais e tudo mais e é isso. Um beijo e até mais.

Fim da Transcrição 01:43:23